



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO, DE 2025 - 21H00

Sessão 32 “AMADEUS” (1984)



“Amadeus” foi inicialmente uma peça de teatro de Peter Shaffer que apaixonou as plateias dos palcos londrinos e americanos, tendo sido encenada e interpretada também em Paris por Roman Polanski. Mais tarde, seria Milos Forman, outro cineasta do Leste, mas radicado no Ocidente, a interessar-se pela obra para a transpor para o cinema.

A peça não procurava biografar a vida de Amadeus Mozart, mas dar dela a visão de Antonio Salieri, músico oficial da corte de Viena, que manteve com o singular compositor uma relação tumultuosa, mas secreta, de paixão e ódio, de admiração e despeito, de atracção e ciúme. A

peça estruturava-se como uma memória monologada em direcção ao público, onde sobressaía o choque de personalidades entre Mozart e Salieri e entre Mozart e o seu tempo. A componente musical era diminuta (cerca de dez minutos), por confessada incapacidade de Peter Shaffer para a introduzir, com uma maior insistência, no espectáculo. Este seria um aspecto que Milos Forman iria tratar com grande desenvoltura na versão cinematográfica, que teve ainda o ensejo de aproveitar todas as potencialidades que o cinema oferecia para uma soberba reconstituição da época, não como cenário decorativo onde se inscreve uma acção, mas como elemento fundamentalmente integrante, componente imprescindível de expressividade no contexto global de filme.

Um dos temas caros a toda a obra de Milos Forman, e que vem já da sua época checoslovaca, dos tempos de “Os Amores de uma Loura”, de “Cerny Petr”, de “O Baile dos Bombeiros”, e que se irá desenvolver em “Taking Off”, “Voando Sobre Um Ninho de Cucos”, “Hair” ou “Raqttime”, os seus títulos americanos, é precisamente o confronto entre o rebelde e a sociedade do seu tempo que, não o podendo, ou não sabendo, assimilar, o destrói. “Voado Sobre um Ninho de Cucos” é, neste particular, exemplar, tal como o passará a ser igualmente “Amadeus”, ainda com maiores razões se possível, dado que se trata de uma obra mais adulta, complexa e rica.

Para a sua adaptação ao cinema, Milos Forman e Peter Shaffer encontraram soluções admiráveis para tornar mais explícitos certos aspectos da obra teatral. A escolha de um padre para assistir à confissão de Salieri é uma delas. O filme inicia-se por uma tentativa de suicídio de Salieri, já velho e atormentado pelos remorsos de ter destruído Mozart. “Perdoa-me, Mozart, perdoa ao teu assassino!” é o grito que se percebe por detrás de uma porta fechada, onde agoniza o velho músico da corte de Viena. Conduzido a um manicómio, aí receberá a visita de um padre que irá escutar a sua confissão, numa altura em que não existiam ainda os psiquiatras, e que irá funcionar como uma consulta.

Salieri revela a esse jovem padre todo o drama que transporta consigo desde o tempo em que Mozart irrompeu pela corte de Viena e pôs em causa o seu prestígio, a sua música e, sobretudo, a sua confiança. Porque, para lá de tudo o mais, Salieri “sabe” que Mozart é o grande músico que ele nunca conseguiu, nem conseguirá vir a ser. A forma como este toca de ouvido a composição que Salieri criara para o saudar, e logo ali a transforma, e transfigura, num rasgo de génio, para sempre irá perturbar o equilíbrio de Salieri.

Perturbação que se manterá, recalcada no mais íntimo daquele homem puritano e casto, que oferece a Deus a sua vida, a troco de uma dádiva de génio que nunca recebeu, e descobre estampada no rosto daquele miúdo, irreverente e impúdico, que surpreende enrolado nas saias de uma qualquer cortesã. Salieri sabe que Deus o abandonou e revolta-se contra a divindade que assim procede, numa cena que marcará toda a obra. A partir daí, Salieri idealiza um assassinio premeditado, à distância, com uma transferência de talento que se concretiza à beira da morte de Mozart, quando este lhe vai ditando as notas que irão compor o “Requiem” que acompanhará o seu enterro. Salieri, junto à sua cama, assiste fascinado à criação de um génio. E nós, espectadores eleitos deste acto sublime, descobrimos como se constrói, nota a nota, uma obra musical, numa autêntica lição de música empolgante e admirável.



Como empolgante e admirável é todo este filme de rasgos de génio, onde Milos Forman atinge o máximo da sua carreira. Dois actores, inspirados e rigorosos no seu trabalho, oferecem o corpo a Amadeus e Salieri; Tom Hulce e F. Murray Abraham. O primeiro é um Mozart turbulento e louco, tocado pela graça divina e transbordante de energia e de criatividade até ao último momento de vida. O outro é o frio e ressequido Salieri, escondendo atrás de uma máscara, seca e austera, todo o turbilhão de sentimentos contraditórios que o invade.

Notável é a banda sonora desta obra, com um aproveitamento original e quase didáctico da música de Mozart para, através dela, melhor se servirem as intenções do filme. Não só a cena derradeira da escrita do “Requiem” é fabulosamente bem conseguida, como o são igualmente todas as outras onde surgem excertos de obras musicais de Mozart. Brilhante é ainda a fotografia de Miroslav Ondricek, funcionando como precioso auxiliar da arte do decorador e do cineasta, para reconstruir um tempo e uma época.

Lauro António





AMADEUS

Título original: Amadeus

Realização: Milos Forman (EUA, França, 1984); Argumento: Peter Shaffer, segundo peça teatral de sua autoria; Produção: Michael Hausman, Bertil Ohlsson, Saul Zaentz; Música: Wolfgang Amadeus Mozart, condução de orquestra Neville Marriner, e ainda John Strauss, Mark Adler, Laszlo Heltay, Zdenek Mahler, John McCarthy, Simon Preston, Marc Grauwels; Fotografia (cor): Miroslav Ondříček; Montagem: Michael Chandler, T.M. Christopher, Nena Danevic; Design de produção: Patrizia von Brandenstein; Direcção artística: Karel Cerný; Guarda-roupa: Theodor Pistek, Christian Thuri; Maquilhagem: Paul LeBlanc, Dick Smith; Casting: Maggie Cartier, Mary Goldberg, David Rubin, Bonnie Timmermann; Direcção de Produção: James Fee, Ronald Jacobs, Robert Marty, Václav Rouha; Assistentes de realização: Michael Hausman, Jan Kubista, Petr Makovicka, Tommaso Mottola, Jan Schmidt, Tomás Tintera; Departamento de arte: Bedrich Cermák, Jaroslav Cesal, Francesco Chianese, Karel Koci, Michael Ross, Josef Svoboda; Som: Mark Berger, Vivien Hillgrove Gilliam, John Nutt, Margie O'Malley, Jesse Osborne, etc. Efeitos Especiais: Bill Cohen, Ian Corbould, Neil Corbould, Paul Corbould, Gordon Coxon, Steve Crawley, Dave Garrett, Martin Gutteridge, Jimmy Harris, Garth Inns, Kevin Mathews, Brian Smithies; Efeitos Visuais: Thomas Baker; Companhias de produção: AMLF, The Saul Zaentz Company; Intérpretes: Tom Hulce (Wolfgang Amadeus Mozart), F. Murray Abraham (Antonio Salieri), Elizabeth Berridge (Constanze Mozart), Roy Dotrice (Leopold Mozart), Simon

Callow (Emanuel Schikaneder), Christine Ebersole (Katerina Cavalieri), Jeffrey Jones (Imperador José II), Charles Kay, Kenneth McMillan, Kenny Baker, Lisbeth Bartlett, Barbara Bryne, Martin Cavina, Roderick Cook, Milan Demjanenko, Peter DiGesú, Richard Frank, Patrick Hines, Nicholas Kepros, Philip Lenkowsky, Herman Meckler, Jonathan Moore, Cynthia Nixon, Brian Pettifer, Vincent Schiavelli, Douglas Seale, Miroslav Sekera, Cassie Stuart, John Strauss, Karl-Heinz Teuber, Rita Zohar, etc. Duração: 160 minutos; Distribuição em Portugal (cinema): Filmes Castello Lopes; Distribuição em Portugal (DVD): Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 21 de Fevereiro de 1985.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

"Splash, a Sereia" de Ron Howard / 1984